

VANESSA VENTURI

PARADOXO

EVVA

Agradeço a Deus, por não me deixar desistir.

Agradeço minhas amigas, Carolina e Gabriela, pela atenção que tiveram comigo e pelo companheirismo.

À Vitória Auer por ser uma amiga tão incrível, que teve toda paciência do mundo comigo e com a minha história, sem ela não seria possível.

Agradeço à minha irmã Fernanda por ser como uma mãe para mim. Agradeço ao meu irmão Julien, que antes de irmão é um grande amigo.

E, finalmente, ao meu professor de teatro Edson Gory que sempre diz: "Querer não é poder, é fazer."

Não sei porque continuo pertencendo, existindo. Por que estou aqui ou em qualquer lugar, por que continuo indo ou apenas ficando. Olhos abertos. Tudo parece estranhamente igual, mas me sinto tão diferente. Estou completamente vazia — oca. Não tenho nada para oferecer. Sou efêmera, volúvel. Não sou metade, muito menos inteira. Não sei sobre muita coisa, mas sei que todos nós somos de certa forma sonhadores, vivemos às sombras de um possível mundo utopista — precisamos disso para sobreviver.

Um golpe súbito. A escuridão se ocupava por todo o céu naquela noite, faróis altos, é tudo que me lembro. E foi assim, de certa forma natural, como a noite se torna dia e vice e versa, ou apenas como o desabrochar de uma flor, que eu os vi crescendo — e de fato era melhor mantê-los em mim, em meu domínio, onde eu pudesse tentar contê-los, sufocá-los. Até porque eles eram meus, meus demônios. Meus.

Apesar de estar acostumada com o cheiro de fumaça da máquina de gelo seco, aos strobos e refletores das boates e casas de shows que eu e meu melhor amigo, Douglas, frequentávamos, naquela noite o mix disso tudo começava a me causar náuseas. Eu precisava de um pouco mais de ar. Talvez porque a Laguna não comportasse o número de pessoas presentes na sua festa de comemoração de dois anos de sucesso, com acesso livre até meia noite para os cavalheiros e para as damas até as duas da manhã. A casa estava transbordando de pessoas. A mais alta sociedade de São Paulo, que depois de um pouco de vodca e pó não eram nada além de meros mortais, fedia a suor como todo mundo, perdia a noção, seu nome, sua classe e contaminava os banheiros com suas urinas e vômitos.

A Laguna é dividida em três espaços: O térreo é bem rústico, com um palco redondo, não muito alto, dando proximidade com a banda alternativa que se apresenta com um belo e vintage microfone. Há também uma enorme variedade de cervejas estrangeiras em prateleiras espalhadas por todo o ambiente, lembrando os bares americanos. O segundo andar é onde realmente a noite acontece. O espaço é composto por telões e decorações psicodélicas, e sempre tem um DJ renomado que, por coincidência, é bem requisitado na cama das garotas ricas e fúteis da cidade. No terceiro andar, apesar de não ter música ou qualquer outra coisa muito especial, é o meu preferido, eu costumo chamá-lo de terraço da paz. Foi feito para os fumantes, por isso é a céu aberto e, é também, para onde posso fugir da loucura, dos corpos quentes e das respirações ofegantes.

— Tem gente que não tira o olho de você. Olha devagar para traz, na outra ponta do bar, gata. - Douglas sussurrou em meu ouvido, abrindo um enorme sorriso, se afastando e erguendo um pouquinho sua garrafa de Budweiser já

praticamente vazia. Ele não era só o meu melhor amigo. Douglas e eu éramos mais do que isso, éramos cúmplices, confidentes, irmãos postiços.

— Hum... ele até que é... Mas sei lá, não combina com esse lugar, ou comigo. Vai ver ele é um psicopata, e eu sou sua próxima vítima. — arregalei meus olhos, e dei um gole na minha caipirinha de morango, puxando Douglas pelo braço para o meio da pista, rindo e debochando.

— Ai, Eva, eu podia estar em seu lugar e ser a próxima vítima dele, não me importaria... Mas acho que ele não joga no meu time. — Douglas gritou em meus ouvidos enquanto dançávamos como loucos grudados um no outro.

Minha relação de amizade com Douglas Baumer começou quando ainda éramos crianças. Tínhamos entre doze e treze anos, ele é um ano mais velho e tinha perdido um ano letivo, por isso estava completamente deslocado quando se mudou para o condomínio onde moramos até hoje. Por ironia do destino, estávamos matriculados na mesma escola e caímos na mesma sala. Com o passar dos dias, nossa amizade se fortaleceu, já que nossos pais se conheciam e eram velhos amigos. Desde então, não nos desgradamos mais. Ele estava na fase mais confusa de sua vida: entre ser o que os seus pais queriam que ele fosse ou ser feliz e assumir sua sexualidade. De certa forma, eu e Thomas, meu irmão mais novo, o ajudamos a encarar isso, e hoje ele é feliz com a escolha que fez.

Douglas faz o tipo despojado com suas roupas descoladas e, se não fosse por sua timidez com as câmeras, poderia ser um super modelo, digno de campanha de cuecas Calvin Klein, mas, ao invés disso, ele preferiu ficar atrás delas se matriculando em um curso de Radio/TV. Logo seria um dos melhores diretores do mundo. Potencial não lhe faltava.

Há dois anos, imergimos em um profundo poço: sombrio, cheio de tristeza e culpa. Nunca imaginei que os perderia — pelo menos não da maneira como ocorreu... Era para ser uma brincadeira, que por fim nos levou a uma terrível tragédia. Uma tragédia que nunca sairá de mim, ou melhor dizendo, de nós.

Matheus propôs uma corrida. Suas propostas nunca eram meras apostas, eram na verdade, desafios. E foi exatamente o que aconteceu, ele me desafiou. Estávamos brigados naquela noite, tínhamos acabado de discutir sobre o nosso não possível futuro em plena festa de despedida do terceiro ano do colegial. Certamente nossas vidas iriam seguir caminhos diferentes, e por mais que tentássemos, sabíamos que falharíamos. Eu ia estudar do outro lado do mundo com uma amiga, tinha um mundo novo aos meus pés e ele não tinha nada, porque nem os sonhos eram dele, eram de seus pais. "É muito mais fácil para quem vai embora do que para quem fica", e nisso eu concordava com ele.

Ele tinha o direito de estar bravo e magoado comigo, eu o compreendia. Nossa relação já era complicada, cheia de altos e baixos. Na maioria das vezes, fazíamos coisas tolas e consertávamos na cama, não havia uma conversa, não sabíamos fazer isso, embora na frente das pessoas fossemos um casal modelo, de dar inveja. Talvez pela nossa aparência, combinávamos fisicamente.

Douglas estava dirigindo quando ele encostou seu carro ao nosso lado e começou a cuspir provocações, completamente descontrolado, e para falar a verdade, isso não nos surpreendia mais. A maneira como ele falou "pela nossa última noite Eva", posso me lembrar dos seus lábios se mexendo, eu podia ver em seus olhos. Agora com a cena voltando toda noite em minha cabeça, posso perceber, ele não tinha nada mesmo a perder. Talvez quisesse perder tudo, se perder. Assumi a direção no lugar de Douglas, que não estava passando bem, mesmo não tendo carta de motorista como ele, eu já dirigia a dois anos.

Matheus sabia como fazer as pessoas caírem em suas provocações. Deixou que eu passasse na sua frente, mas ficou com o farol alto atrás de mim, e logo me ultrapassou, ficando na contra mão. Lembro-me dele perdendo o controle total do carro, rodando longe para o meio da pista... Um barulho grande nos invadiu. Eu estava no ar também. Dor. Já estávamos em novembro, e apesar de não estar frio, o sol não apareceu. Nosso final de semana na praia, em Riviera, realmente tinha acabado.

A última coisa que me recordo é de Thomas, que estava no banco do passageiro, sorrindo e batendo as mãos nas pernas, dizendo: "Eva corre, esfrega na cara dele que você é melhor, esse cara é um babaca, ainda bem que você vai ficar longe dele". — e em seguida aumentou a música.

Quando acordei, o acidente perante a polícia já era um caso encerrado, e a morte do meu irmão perante meus pais era minha culpa. Eles conseguiram manter o escândalo longe dos jornais e fotógrafos, e, por serem amigos do juiz, delegado, e policiais, e terem prestado muitos favores a eles, principalmente financeiros, fiquei livre de tudo. Nunca fui questionada, apenas culpada por estar dirigindo bêbada. Tudo se resolve com muito dinheiro na minha família, nada é pecado para nós, não enquanto ainda tivermos nossas contas bancárias cheias de zeros. A família de Matheus se mudou de São Paulo e nunca me procuraram. Acho que consigo entender já que ele era filho único, a dor foi grande demais. Nunca falaram sobre o acidente, eles conheciam o filho que tinham e de certa forma sabiam que a pressão que colocaram nele tinha sido pesada demais, se encheram de culpa.

Douglas estava no banco de trás e por sorte não era ele no volante, se fosse, provavelmente estaríamos todos mortos, já que seu estado era muito pior do que o meu. Ele quebrou o braço, machucou o pescoço e teve algumas lesões, mas em poucos meses seu corpo estava novo em folha, assim como o meu. Já os nossos corações — esses nunca seriam os mesmos novamente, não sem Thomas, não sem o Matheus, que apesar de sempre nos colocar à prova de fogo, também tinha nos proporcionado momentos inesquecíveis.

— Preciso fumar, sobe comigo? — disse perto do ouvido de Douglas, já sabendo a resposta. Seus olhos pareciam ter um alvo para essa noite, um alvo muito charmoso. Ele tinha muito bom gosto quando se tratava de roupas e homens, ou seja, tinha bom gosto para tudo.

— Vai na frente, estou de olho naquele cara ali, de blusa verde, com o celular na mão. Talvez eu mate meu tédio hoje, já que eu achei minha vítima. — disse rindo e apontando para um loiro de cabelo liso que estava perto do banheiro, me acompanhando até perto das escadas.

Subi devagar, o salto alto estava machucando meus pés. Já estava a duas horas de pé, meu vestido preto de manga longa não me esquentava como deveria e o vento batia forte nas minhas coxas descobertas, me deixando arrepiada. Acendi meu cigarro e encostei em uma barra de ferro, apoiando meu cotovelo esquerdo. O terraço estava praticamente vazio, com umas vinte pessoas no máximo, mas nenhuma muito próxima a mim. Lá em cima não tinha contato físico, só paz. Gostava do som do vento e da tranquilidade que o terraço podia me oferecer em meio ao caos que era aquele lugar. Ao caos que me tornei.

— Oi. — uma voz se aproximou sutilmente, era tão baixa e rouca, mal podia ouvi-la. Não parecia acanhado ou tímido, era destemido, arisco. Sínico, eu diria. Se não fosse pelo fato de eu não querer ser incomodada, ele seria uma boa aposta, mas não aqui. Aqui ele só fez o resto do meu pouco humor pular pelo o abismo que estava atrás da barra de ferro, onde eu apoiava o meu cotovelo.

— Oi?

— Você está sozinha? — ele chegou mais perto, e eu quase podia sentir o calor de sua respiração. Sua aproximação ligeira me surpreendeu, tornando o espaço mínimo entre nós e me deixando desconfortável, o que não era comum acontecer.

— Você está vendo mais alguém aqui comigo? — respondi grosseiramente. Por mais que falar dessa maneira parecesse um tanto quanto "mal educado", e que, talvez, ele só estivesse tentando ser simpático, era esse o grande problema. Eu não era do tipo "venha e me traga suas sutilezas". Eu não queria fazer novos amigos, não queria conversar ou anotar um número para ligar no dia seguinte, só queria ficar no meu canto. Sozinha. Se eu precisasse de um cara, eu iria até ele e depois eu desapareceria como fumaça. Eu não queria

nada além de uma relação de poucos minutos com um desconhecido que não precisasse saber meu nome. E aqui era meu lugar de paz, minha brisa boa.

— Eu já te vi muitas vezes por aqui, mas só hoje tive coragem de falar com você. — ele ignorou minha má educação e encostou na barra de ferro do meu lado, parecendo um pouco incomodado, assim como eu. Acendi outro cigarro e traguei. Soltei a fumaça lentamente para frente, mas o vento fez com que ela se espalhasse, nos invadindo. Não o olhei, porque de algum jeito estranho sentia que ele parecia mesmo me querer como uma vítima.

— E por que decidiu falar comigo hoje?

— Por que só hoje te vi subindo sozinha, e não tão bêbada, digamos assim...
— sua voz era suave, porém um pouco provocativa para um cara que só tinha boas intenções. Sua inquietação me incomodava. Suas veias das mãos saltadas, conforme entrelaçava os dedos e os apertava com força, mostrava seu nervosismo.

— Então você faz o tipo psicopata? — soltei uma risadinha irônica.

Ficamos em silêncio e minha mente me levou a lugares que eu não queria. Quando me sentia desconfortável, as lembranças ruins, por mais que eu tentasse esquecer, me invadiam. Elas estavam sob minha pele. "*Culpada, culpada, culpada! Thomas, Matheus, Thomas, Matheus.*"

Minhas amigas diziam que eu tinha tudo. Um irmão bonito, um namorado sexy, dinheiro e que eu era bonita. O que mais eu poderia querer, afinal? Eu nunca tive muita atenção dos meus pais, eles eram ocupados demais para se importar comigo ou com Thomas, mas éramos uma família, e nos amávamos incondicionalmente. Num piscar de olhos, numa fração de segundos, tudo se perdeu, e agora tudo o que eu desejava era ser perdoada. Desejava não ter bebido naquele dia, eu deveria estar sóbria, e se estivesse não teria aceitado aquelas provocações. No fundo eu sabia, sabia que ele queria morrer. Matheus preferia morrer do que ficar longe de mim e estudar Direito; ele odiava a ideia de ser advogado, juiz ou qualquer coisa do gênero.

Não se tratava das coisas que tinha, ou que poderia ter. A questão era: Por que eu sobrevivi? Eu merecia mais do que eles? — não. Por que Matheus não tentou sobreviver, por que não chutou tudo que o impedia de ser feliz, e tentou? Meu Deus, o que fizemos...

— E você é do tipo sarcástica? — ele riu. Seu sorriso era largo, mas parecia sincero em partes. É como se ele fosse um menino querendo ser livre e feliz, mas tivesse algo que o impedisse. Podia até ser sincero, mas eu não sentia isso — por mais que fosse o sorriso mais bonito que eu já tivesse visto.

— Eu não tenho um tipo. — nem sei porque respondi isso, já que eu era o tipo maluca, do tipo "tanto faz" ou "qualquer coisa serve". Apaguei o resto do meu cigarro na barra de ferro, e o joguei no chão. Comecei andar em direção as escadas com passos lentos e firmes, apesar da bebida estar fazendo grande efeito em minha visão e minhas pernas.

— Você quer ajuda para descer as escadas? — seus olhos brilhavam com um sorriso sarcástico em seu rosto. Ele sabia que eu precisava de ajuda, e por mais que eu recusasse, eu sei que ele iria me ajudar. É assim que funcionam as coisas, um sim às vezes é um não e vice e versa.

— Não, obrigada. — eu sabia ser muito arrogante quando queria. Ele me segurou pelo braço enquanto eu descia degrau por degrau, segurando com uma das mãos nele e a outra no corrimão, e mentalmente o agradecendo pelo cavalheirismo. Em seu lugar eu torceria para me ver no chão. *Que cara idiota, que cara bonito!*

Estávamos de volta ao segundo andar e o lugar estava ainda mais abarrotado e abafado. Tentei localizar Douglas para irmos embora, mas era impossível no meio de tantos corpos suados e no meio de tanta fumaça. Eu não dirigia desde o acidente e só de pensar em sentir minhas mãos em volta do volante e dos meus pés pisando no acelerador, meu estômago embrulhava. Como estávamos sempre juntos e morávamos no mesmo condomínio, na Cidade Jardim, carona não seria um problema e, caso fosse, dinheiro para um táxi também não seria, já que eu era nada menos do que filha de Helena Gusmão.

Helena não era só rica, ela era conhecida e tinha muita influência na cidade, isso às vezes era mais do que dinheiro no bolso. O peso do sobrenome Gusmão falava por nós. O meu bisavô foi quem começou isso, construiu um império aqui. Ele foi dono de muitas terras, e com o crescimento da cidade, faturou muito. Construiu prédios, casas e o nosso nome. Minha avó era uma mulher que não aceitava ser mandada por homens e, apesar de adquirir o Gusmão, começou o seu próprio negócio. Graças a ela, hoje temos lojas de grife espalhadas por vários estados do Brasil.

Mesmo não querendo estragar a noite do Douglas e do seu novo gato, tudo o que eu queria era minha cama. Ele já estava acostumado com meus surtos repentinos. As vezes era só uma questão de ir para casar e me deitar, às vezes eram surtos de medo ou de raiva. Era um bom amigo, era forte como um leão, suportou a sua dor e ainda me ajudou a levantar. Não sei o que eu faria sem ele.

— Quero uma caipirinha de morango, por favor, bem gelada. — encostei no bar entregando minha comanda para o bartender. Ele me devolveu e segurou minhas mãos, como se fosse ter alguma chance. Isso não tinha nada a ver com nossas diferenças sociais, isso só tinha a ver com fato dele saber meu nome, o do meu melhor amigo, minha bebida preferida, e ter ouvido provavelmente pelo menos uns trinta desabafos.

— Eu podia pagar uma bebida para você. — ele encostou no balcão, me deixando sem saída. Seus olhos eram profundos, negros. Tinha cabelos ondulados bagunçados e sua pele era morena, bronzeada, assim como a minha. Eu não tinha percebido como ele era extremamente bonito, até agora. Não era uma beleza comum, ele era diferente, talvez fosse mais charmoso do que bonito, e eu gostei das suas sobrancelhas grossas e de como seus dentes eram brancos. Seu cheiro já parecia estar querendo se fixar na minha pele, e isso na verdade cheirava mais à encrenca. Por mais que eu gostasse de uma, eu sentia muito mais prazer em bagunçar vidas alheias do que deixar que bagunçassem a minha.

— Eu não preciso que você pague.

— Então o que eu faço? Me diz. — sua aproximação foi rápida, ele me cercou e eu não tinha como desviar. Estava encurralada e desconfortável novamente. Ele era mesmo charmoso, e isso era um ponto positivo para ele, já que caras bonitos nunca me atraíram, mas caras charmosos sim. Ele era um misto disso tudo. Homens bonitos que sabem que são bonitos são tão cheios de si, entediante.

— Para quê? — estávamos gritando, já que a música estava muito alta. Não me lembro o nome da música, mas eu já havia escutado, talvez fosse uma mistura de Black com eletrônica, talvez Azealia Banks em uma versão muito remixada. Era um som que mexia com os sentidos, ainda mais misturada com a bebida e com fumaça, me transportava para outro mundo. Estava zonzinha, maluca, sem noção alguma.

— Uma chance. — seus olhos negros e profundos me encaravam, sugando minhas forças. Seus olhos eram intrigantes, profundos demais, cheios de sentimentos que eu não conseguia descrever.

— Uma chance? — franzi minha testa, nada parecia fazer sentido para mim naquele momento, muito menos ele me abordando de tal maneira.

— De te conhecer, conversar, talvez. — seus olhos contradiziam sua expressão fria, eles eram cheios de medo e ao mesmo tempo dóceis. Alguma

coisa nele me soava familiar. Eu me via nele, ele também parecia estar machucado, ou talvez fosse só mais um maluco perdido, assim como eu.

— Não venho a esse tipo de lugar para conversar, pago psicólogos, psiquiatras para isso. — sorri ironicamente, uma das minhas melhores habilidades, e dei de costas, revirando os olhos. Tentei encontrar Douglas por todos os cantos, ele não está aqui, se misturou com a fumaça, era impossível achá-lo.

No meio da pista de dança era ainda mais impossível andar, mas eu não queria mais andar, ou encontrar Douglas, estava com a minha bebida preferida nas mãos, ouvindo uma música boa, e mesmo quase morrendo sufocada com tanta fumaça, não queria me importar com nada, apenas me balançava de um lado para o outro, derrubando minha bebida no meu vestido de quase seiscentos reais e nos que estavam a minha volta entre um gole e outro, até que o copo ficasse quase vazio, assim não derramaria mais.

Vamos lá, Eva, são só pessoas, são só corpos, corpos suados, pessoas vazias e mentes cheias de nada, aproveite a noite, se entregue a isso, libere endorfina, você precisa disso. Todos estavam pulando como loucos, suas mãos estavam para cima, luzes de todas as cores, e eu nem sei quantas cores existem nesse mundo, acho que os meus cigarros não eram só cigarros de padaria. Tudo estava girando rápido demais, eu nem sentia mais meus pés ou pernas, a dor não existia, talvez ela seja mesmo psicológica. Estava apanhando na cara pelos cabelos que invadiam meu rosto, sentia meu corpo quente, estava suando, transpirando, sentindo o sabor salgado passando pela minha boca. Minha bebida já acabara.

Senti mãos quentes envolvendo minha cintura, mas não me virei para ver de quem eram, ninguém pertence a ninguém nesse mundo insano, todo mundo estava quente e nada importava — ninguém se importava, eu não queria me importar, não queria sentir, nem existir. Eu era de todo mundo, menos minha.

— O que você está fazendo? — gritei brava, enquanto era arrastada para o canto, perto do balcão onde peguei minha caipirinha de morango, mas só depois de alguns segundos me dei conta de quem estava me segurando.

— O que você está fazendo? — me senti como uma garota de quinze anos sendo repreendida pelo pai depois de uma noite de porre. Era exatamente assim que ele estava me tratando, como se eu fosse dele, como se tivesse que me proteger, como se tivéssemos algo. Psicopata, maluco, pensei.

— Você não é nada meu. Eu nem sei seu nome, e quer soltar a merda do meu braço?! — falei gritando.

— Claro, e prazer, meu nome é Erick Hoffman. — abriu um sorriso irônico e começou a caminhar me levando junto, arrastada.

Gracias por visitar este Libro Electrónico

Puedes leer la versión completa de este libro electrónico en diferentes formatos:

- HTML(Gratis / Disponible a todos los usuarios)
- PDF / TXT(Disponible a miembros V.I.P. Los miembros con una membresía básica pueden acceder hasta 5 libros electrónicos en formato PDF/TXT durante el mes.)
- Epub y Mobipocket (Exclusivos para miembros V.I.P.)

Para descargar este libro completo, tan solo seleccione el formato deseado, abajo:

